

IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

Confetes, fantasias, búzios e água de cheiro: as crenças afro-brasileiras como tema dos desfiles das escolas de samba de Passo Fundo/RS (2010 - 2015)

AUTOR PRINCIPAL: Jeferson Sabino Candaten

CO-AUTORES:

ORIENTADOR: Gizele Zanotto

UNIVERSIDADE: Universidade de Passo Fundo

INTRODUÇÃO:

Inseridas em um campo religioso bastante dinâmico, religiões afro-brasileiras como a umbanda, quimbanda e batuque, estão há décadas em Passo Fundo/RS, muito embora não tenham sido frequentes suas influências em espaços de poder público ou na mídia.

Uma problemática que envolve essas crenças, um dilema não só da umbanda ou do batuque, mas das religiões afro-brasileiras em geral, é a intolerância religiosa. Historicamente, a intolerância sobre as religiões afro-brasileiras conduziu o povo de santo a criar alternativas para manter suas crenças, multiplicando as formas de crer, adaptando-as a partir dos sincretismos.

Em Passo Fundo, os desfiles oficiais das escolas de samba tornaram-se espaços fundamentais de expressão e divulgação das crenças afro-brasileiras. Com a análise dos enredos das escolas de samba pretendemos contribuir com os estudos historiográficos sobre as tradições afrodescendentes, reconhecendo e valorizando as culturas negras que aqui existem, mesmo que silenciadas.

DESENVOLVIMENTO:

Batuque, quimbanda e umbanda são três distintos cultos afro-brasileiros. São detentores de características singulares, rituais totalmente diferentes e até mesmo língua litúrgica própria - as línguas africanas no batuque (ORO, 2002). A diversidade cultural entre os terreiros - ilês - evidencia o quão rasa e simplista a categoria "macumba" se torna quando orientada por concepções discriminatórias (ROCHA, 2012). Generalizar as religiões de matriz africana é um erro grave que, não raramente, acaba por adentrar as fronteiras da discriminação e do pré-conceito. Entretanto, isso não vem a anular as redes de encontros e de trocas simbólicas entre batuque, umbanda e quimbanda. Os três grupos religiosos que, dentro de suas próprias liturgias

IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



subdividem-se, seja em nações como acontece no batuque (ORO, 2002) ou em linhas, como as da umbanda, entrecruzam-se constantemente.

Contudo, como mencionado acima, há outro elemento comum às três religiões, a intolerância religiosa (ROCHA, 2011). O pré-conceito religioso provavelmente seja causa da inexpressiva autodeclaração dos seguidores das religiões afro-brasileiras nos censos demográficos a nível nacional (PRANDI, 2003). No censo de 2010, o Rio Grande do Sul foi o Estado brasileiro com maior índice proporcional de habitantes afro-religiosos, 1,47% dos sul-rio-grandenses (ORO, 2012).

Em Passo Fundo, movimentos sociais como o Guerreiros do Asé, a União Passofundese de Umbanda Luz de Iemanjá, entre outros, tem se mostrado atuantes no combate ao pré-conceito.

A partir da compreensão desse cenário, buscamos lançar luz sobre uma estreita relação que percebemos entre o povo de santo e o carnaval. Seja festa, ritual ou os dois, o carnaval foi milenarmente vivenciado por várias sociedades e é resignificado pelas épocas e culturas que o “pulam”. Em Passo Fundo, o carnaval se constituiu como festa popular entre classes sociais e grupos étnicos distintos que, nas ruas e nos clubes instalavam a “desordem organizada” (DAMATTA, 1997). Homens vestidos de mulher, mulheres fantasiadas de homem ou de “tiazinha” como em 2000, conforme o jornal O Nacional, e muitas mais. A inversão da ordem social vigente é característica dos carnavais brasileiros. Não diferente das escolas de samba dos grandes centros do país, as passo-fundenses Chalaça, Cohab I, União da Vila, Bom Sucesso, Bambas da Orgia, entre outras, por vezes representaram as religiões afro-brasileiras nos carnavais, divulgando seus cultos e celebrando suas religiosidades. Entre 2000 e 2015, período de nossa análise, isso se torna recorrente.

Jornais, fotografias, depoimentos e documentos oficiais são nossas fonte para essa pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Entre a produção de sentidos que pudemos analisar nos discursos expressos nos enredos, percebemos a formulação de um sentido de presença. Seria durante o carnaval que os adeptos das religiões afro-brasileiras colocam o “terreiro na avenida”, celebrando suas divindades em plena rua. É saindo das periferias e adentrando o centro da cidade que suspendem, temporariamente, a ordem social vigente.

Em tempos de reações racistas em todo o mundo, estudar nossa história afro-brasileira se faz fundamental.

REFERÊNCIAS:

DAMATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



ORO, Ari Pedro. Atual campo afro-religioso gaúcho. Civitas, Porto Alegre v. 12 n. 3 p. 556-565 set.-dez. 2012.

_____. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. Estudos Afro-Asiáticos, ano 24, n. 2, p. 345-384, 2002.

PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. In: Civitas, Porto Alegre: PUCRS, v.3, n.1, p. 15-34, jun. 2003.

ROCHA, José Geraldo da; PUGGIAN, Cleonice; RODRIGUES, Luana. Religiões de matrizes africanas: dilemas da intolerância na contemporaneidade. Debates do NER, Porto Alegre, ano 12, n. 20 p.145-164, jul/dez. 2011.

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa): Número da aprovação.

ANEXOS:

Poderá ser apresentada somente uma página com anexos (figuras e/ou tabelas), se necessário.